ALEX CASTRO E A TRADUÇÃO MINORIZANTE DA *AUTOBIOGRAFIA DO POETA-ESCRAVO*, DE JUAN FRANCISCO MANZANO

Adriana Kerchner da Silva[1]

Resumo

Este artigo, baseado nos conceitos de tradução minorizante, de Venuti (2002), e de polissistema literário, de Even-Zohar (2012, 2013), analisa o projeto de tradução de Alex Castro para *A autobiografia* de Juan Francisco Manzano (1836). Escrito por um homem ainda escravizado, este é o único relato desse tipo que temos na América Latina. Como aprendeu a escrever de forma autodidata, o texto de Manzano apresenta diversos desvios das convenções gramaticais do espanhol, algo que foi motivo para muitas modificações no seu relato, ao longo dos anos. Alex Castro, em contraposição, considerou os desvios como parte de seu texto, não algo a corrigir. Desse modo, principalmente a partir de sua proposta de fazer uma transcriação (CAMPOS, 1992) do texto, procurando respeitar a voz do escravizado e reproduzi-la no português de forma mais fiel, Castro realizou uma tradução que fugiu do *status quo*, seja pela escolha do livro para traduzir, seja pela forma de traduzi-lo. Com sua edição da *Autobiografia*, Castro fez um importante movimento de incluir o livro no polissistema literário brasileiro de forma diferente da que havia sido feita anteriormente, quando da publicação do livro em inglês, em 1840.

Palavras-chave: *A autobiografia do poeta-escravo*. Tradução minorizante. Polissistema literário brasileiro. Alex Castro.

Abstract

This article, based on the concepts of Venuti's (2002) minoritizing translation and Even-Zohar's (2012, 2013) literary polysystem analyses Alex Castro's translation project of *A autobiografia do poeta-escravo*, by Juan Francisco Manzano (1836). Written by a man still enslaved, this is the only report of the kind that we have in Latin America. Because he taught himself to read, Manzano's text presents many deviations from grammatical conventions, something that motivated a lot of modifications in his narrative over the years. Alex Castro, by contrast, considered the deviations as a part of his text rather than something to be corrected. Thus, mainly because of his proposal of transcreation (CAMPOS, 1992) of the text, Castro's translation escaped from the *status quo*, both by the choice of the book to translate and the form of translating it. With his version of *Autobiografia*, Castro made an important contribution towards including the book into the Brazilian literary polysystem in a different, category from the 1840 translation of the book.

Keywords: *A autobiografia do poeta-escravo*. Minoritizing translation. Brazilian literary polysystem. Alex Castro.

[1] Bacharela em Letras - Tradutor Português/Espanhol, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil). adrianakerchner2@gmail.com

1. Introdução

Este artigo apresenta um capítulo de meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Juan Francisco Manzano e seus mediadores: relações desiguais e silenciamentos", elaborado para concluir o curso de Bacharelado em Letras, tradutor Português–Espanhol, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.[2] O objetivo geral do trabalho foi de analisar as relações estabelecidas entre Juan Francisco Manzano, um homem ainda escravizado, e seus mediadores brancos, quais sejam: os literatos editores de seu livro e dois tradutores, para o inglês, em 1840, e para o português, em 2015. Ademais, outro objetivo do trabalho foi descrever e examinar como o contexto de encomenda e publicação da obra se manifesta e influencia no texto, por meio dos silenciamentos, interrupções e omissões deliberadas feitas pelo autor.

No capítulo que apresento neste artigo, analisei o projeto de tradução do livro para o português, realizado por Alex Castro e publicado pela Editora Hedra em 2015. Utilizando como base os conceitos de tradução minorizante, de Venuti (2002), e de polissistema literário, de Even-Zohar (2012, 2013), discuto de que forma a tradução de Alex Castro contribuiu para a inserção da *Autobiografia* no contexto literário brasileiro de forma muito diversa da que havia sido feita anteriormente, quando da tradução em língua inglesa, publicada no século XIX. Castro realizou duas versões do texto, uma que ele denomina transcriação e outra tradução. Na primeira, criou um narrador fictício falante de português e procurou manter no português os mesmos tipos de desvios gramaticais efetuados por Manzano em espanhol, motivados pela sua evidente semialfabetização. Na segunda, Castro teve de limpar o texto, criando parágrafos e dirimindo os desvios, com o objetivo de que o texto chegasse a mais pessoas, tornando-o simplificado.

A *Autobiografia* de Juan Francisco Manzano, foi escrita, aproximadamente, em 1835. Seu autor era, naquele momento, um homem negro escravizado, que aprendera a ler de forma autodidata. Este é o único livro que temos escrito por uma pessoa ainda escravizada na América Latina. Ao contrário do mundo anglófono, em que diversos relatos de (ex) escravizados foram publicados, como, por exemplo, *Doze anos de escravidão* (1853), de Solomon Northup, e *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845), na América hispânica e brasileira isto não ocorreu. O livro foi escrito sob encomenda por um grupo de literatos cubanos, liderados por Domingo del Monte, figura importante na história cultural da ilha. Ele organizava uma tertúlia periodicamente, e ao redor dele orbitavam importantes escritores do século XIX, como Cirilo Villaverde, autor de *Cecilia Valdés* (1839 e 1879), Anselmo Suárez y Romero, autor de *Francisco* (1880) e Félix Tanco y Bosmeniel, escritor de *Petrona y Rosalía* (1838). Eles são os três principais representantes do romance antiescravista em Cuba na época. Existe uma história apócrifa de como os intelectuais conheceram Manzano. Conta-se que em uma dessas tertúlias, da qual Manzano era membro frequente, ele recitou seu poema *Mis treinta años*, que emocionou muito os presentes, fazendo com que se organizassem para comprar sua alforria, encomendando, em troca, um texto autobiográfico. Já nessa época, o grupo de del Monte tinha contato com abolicionistas ingleses, e sabiam de seu interesse de levar para a Inglaterra relatos sobre a escravidão na América.

[2] No momento da publicação deste artigo, o Trabalho de Conclusão ainda não estava disponível na plataforma LUME da UFRGS. Acredito que até o final do ano de 2019 será disponibilizado.

A primeira tradução do texto foi publicada em 1840, realizada por Richard Madden, um importante abolicionista irlandês que morou em Cuba como responsável por fiscalizar o quanto a ilha estava cumprindo o acordo entre Espanha e Inglaterra de pôr fim ao tráfico de escravizados. Como um abolicionista, Madden estava muito interessado em levar à Inglaterra relatos de pessoas escravizadas na América, com o fim de contar como era a escravidão aqui. Nesse intento, traduziu e publicou a *Autobiografia* em um volume intitulado *Poems by a Slave in the Island of Cuba, Recently Liberated; Translated from the Spanish, by R. R. Madden, M.D. With the History of the Early Life of the Negro Poet, Written by Himself; to Which Are Prefixed Two Pieces Descriptive of Cuban Slavery and the Slave-Traffic, by R. R. M.*. A primeira publicação do livro em Cuba ocorreu apenas em 1937, cem anos depois de sua escritura. Já para o português, a primeira foi somente em 2015, realizada por Alex Castro, foco deste artigo.

Nas próximas seções, apresento: 1) os conceitos de tradução minorizante, de Venuti (2002) e de polissistema literário, de Even-Zohar (2012,2013); 2) Manzano e sua *Autobiografia*; 3) A tradução minorizante de Alex Castro; e 4) as considerações finais.

2. Tradução minorizante e polissistema literário

Utilizo como base neste trabalho dois teóricos sobre tradução, Venuti, com seu livro *Escândalos de Tradução* (2002), e Even-Zohar, com os textos *Teoria dos polissistemas* (2013) e *A posição do texto traduzido no polissistema literário* (2012). De Venuti, interessa-me discutir o conceito de tradução minorizante, já que considero que o projeto tradutório de Alex Castro está muito relacionado a esse conceito. De Even-Zohar, interessa-me o próprio conceito de polissistema e a discussão sobre o papel que os textos traduzidos desempenham nos contextos literários de diferentes países. Comecemos então por Venuti.

Venuti (2002) defende que o tradutor interessado em romper com o *status quo* no ambiente da tradução deveria, idealmente, tomar determinadas posturas, no momento em que seleciona o texto para traduzir e quando considera a maneira como irá traduzi-lo. Primeiramente, o teórico considera o tradutor como alguém com uma postura ideológica, que responde a certas expectativas dos "códigos, cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos." (VENUTI, 2002, p. 131). Nesse sentido, é contrário à ideia da invisibilidade do tradutor, colocando-o como alguém com responsabilidades éticas, não apenas de fidelidade ao texto original, mas de fidelidade a um projeto de tradução com o propósito de ir contra o sistema de tradução tradicional.

Em segundo lugar, Venuti discute a importância que tem a tradução na cultura de chegada do texto, visto que "a escolha calculada de um texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas e práticas comerciais na cultura doméstica." (VENUTI, 2002, p. 131). À vista disso, em consonância com a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (2012, 2013), que será discutida a seguir, o teórico reforça a relevância que o texto traduzido apresenta em relação à cultura receptora, o que também corrobora a importância do tradutor refletir sobre o processo tradutório, a fim de evitar estar sempre reproduzindo e reforçando o *status quo*.

Nessa perspectiva, a proposta de Venuti para o projeto de tradução que vise quebrar com os métodos tradicionais passa por duas frentes: a escolha do texto traduzido e a maneira de traduzi-lo: "Qualquer agenda de resistência cultural para a tradução deve tomar formas especificamente culturais, deve escolher textos estrangeiros e métodos tradutórios que se desviem daqueles que são atualmente canônicos ou dominantes." (VENUTI, 2002, p. 161-162). Considerando o mundo atual, a principal força contra a qual o tradutor tem de lutar é o mercado, materializado na forma das editoras, principalmente as maiores, com mais poder e capacidade de ditar o que será ou não publicado no país. Assim, além de talvez procurar publicar por editoras menores, tentando quebrar a hegemonia das grandes editoras, o tradutor deveria fazer escolhas mais conscientes de textos para traduzir. Uma opção, por exemplo, seria ter em mente um texto ou livro que fugisse dos cânones literários, seja do país de origem, seja do que a cultura de chegada considera cânone da cultura de origem. Ademais, esse mesmo pensamento deve ser levado para o método tradutório. Em vez de ir pelo lado mais óbvio, ou seja, optar por uma tradução que não ofereceria nenhuma dificuldade de leitura para o público e que seria mais aceita dentro das editoras, o tradutor deveria buscar uma tradução que mostraria ao leitor que existem outras realidades e outras culturas, contribuindo para o seu entendimento sobre a diversidade cultural.

Em relação à teoria dos polissistemas, desenvolvida por Itamar Even-Zohar (2012, 2013), cabe observar o que o autor israelense entende por "polissistema", para depois chegar à discussão do papel que desempenham os textos traduzidos nessas relações. Even-Zohar, debatendo principalmente como funciona o sistema literário dos diferentes países, estabelece uma problemática ao redor do termo "sistema" como mais comumente utilizado: acaba por ser visto como algo estático e fechado. Na tentativa de mudar essa visão, o teórico apresenta o conceito de "polissistema" como sendo "um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes." (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 3). O conceito, dessa forma, evidencia que os sistemas são dinâmicos e heterogêneos, não necessariamente uniformes e têm, entre si, diversas interseções. O polissistema seria, em resumo, a rede de relações entre os diferentes sistemas que compõem uma literatura nacional, que "não são iguais, uma vez que estão hierarquizados no seio do polissistema." (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 5).

Entende-se, dessa maneira, que não existe um só sistema literário brasileiro, por exemplo, como algo estático, fechado e composto apenas pelos livros canônicos. Na realidade, com base na teoria de Even-Zohar, teríamos um polissistema, composto por diferentes sistemas, que estão inter-relacionados e organizados com certa hierarquia, pela força que cada sistema tem dentro do todo maior. Por exemplo, no sistema da literatura canônica, temos autores considerados clássicos, como Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Este sistema acaba sendo o mais central na hierarquia por concentrar em si uma grande força, dada principalmente pela universidade e pela elite intelectual do país. A literatura infanto-juvenil, por outro lado, tem uma força muito menor, visto que é desprezada pela grande maioria dos estudos universitários sobre literatura (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 18). Evidentemente, nenhum desses sistemas são fechados ou autônomos, mas funcionam em relações móveis e interdependentes.

O sistema que me interessa discutir para o escopo deste trabalho é o da literatura traduzida. Embora o estudo da literatura traduzida (e da própria tradução

no âmbito acadêmico) tenha um papel secundário dentro dos estudos de literatura, Even-Zohar argumenta que a literatura traduzida não ocupa necessariamente um papel periférico no polissistema literário. Isso ocorre principalmente em três casos:

> (a) quando um polissistema ainda não se cristalizou, ou seja, quando uma literatura ainda é 'jovem', em processo de se estabelecer; (b) quando uma literatura é "periférica" (dentro de um grupo maior de literaturas correlatas), "fraca" ou as duas coisas; e (c) quando ocorrem pontos de virada, crises ou vácuos literários em uma dada literatura (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 5).

Para o primeiro caso, poderíamos citar a literatura de Israel, uma nação constituída há pouco tempo, onde nasceu e vive o teórico. Para o segundo, por sua vez, Brasil, Cuba ou qualquer outro país da América Latina se encaixam, se comparamos essas literaturas nacionais com a literatura europeia (principalmente francesa e inglesa) e, mais recentemente, dos Estados Unidos. No último dos casos, a própria tradução da *Autobiografia* poderia servir de exemplo. O tradutor Alex Castro teria percebido um vácuo de escrita autobiográfica de negros escravizados na América hispânica e lusófona e se dispôs a trazer a obra de Manzano para o Brasil.

Assim, do mesmo modo que se discute sobre as hierarquias dentro de um só polissistema, se pensamos os diferentes polissistemas em relação, também ocorrem hierarquias. No jogo de forças dos polissistemas, as literaturas nacionais mais "fracas" ou "periféricas" acabam dependendo muito da importação, enquanto que as literaturas mais fortes "podem ter a adoção de inovações de alguma literatura periférica dentro de suas fronteiras apenas como mais uma opção." (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 6). Isso é facilmente percebido ao entrarmos em qualquer grande livraria: as estantes de literatura estrangeira (e, portanto, composta por traduções) são mais numerosas do que as de literatura brasileira. Tendo em vista o papel central que a literatura traduzida desempenha no nosso polissistema literário, em consonância com o que Venuti discute, acredito que o tradutor interessado em quebrar com a hegemonia do mercado editorial (que basicamente publica textos de homens, brancos, heterossexuais, estadunidenses e *best-sellers*) deve procurar, nos polissistemas estrangeiros, textos que fujam deste padrão, procurando inserir no nosso polissistema textos mais diversos.

3. Manzano e sua *autobiografia*

Juan Francisco Manzano nasceu por volta de 1797, em data desconhecida, filho de Maria del Pilar Manzano e Toribio de Castro. Segundo relata em seu livro, seus pais eram dois escravizados estimados pela sua dona, a Marquesa de Jústiz de Santa Ana, esposa do Senhor Dom Juan Manzano. Seus pais eram pessoas em posições sociais muito prestigiosas para escravizados, já que sua mãe era uma "criada de distinsaõ ou de estimaçaõ ou de confihansa." (MANZANO, 2015, p. 91, grifo do autor), e seu pai, criado-mor da casa (p. 92). Após a morte da Marqueza de Jústiz, Manzano foi passado para a Marquesa de Prado Ameno, viva quando da escritura da *Autobiografia*, embora não fosse mais sua dona, sendo que seu filho, Nicolás, também fazia parte do grupo literário que encomendou o livro.

Por ser um escravizado doméstico, Manzano teve acesso a um ambiente de uma família muito interessada em literatura e arte, principalmente por morarem em

Matanzas, em Cuba, uma região, naquele momento, muito prolífica culturalmente. Quando criança, assistiu as aulas de desenho de seus donos, também aprendendo a desenhar de forma autodidata. Sua alfabetização foi tardia, depois de adulto, embora não tenhamos datas específicas. Aprendeu a escrever colocando um papel fino sobre um papel em que Nicolás havia escrito, copiando sua letra e fazendo linhas inteiras em menos de um mês. No entanto, desde criança ele já compunha poemas em sua cabeça, mas não lhe era permitido escrevê-los ou recitá-los para os outros escravizados. Em seu relato, Manzano descreve diversos castigos que sofreu por recitar seus poemas (2015, p. 101, 102).

Segundo informação que Saumell (2004, p. 2) recupera do *Diccionario de la literatura cubana* [*Dicionário da literatura cubana*], de José A. Fernández de Castro, Manzano publicou seu primeiro livro de poemas, *Cantos a Lesbia*, em 1821 e diversos poemas em jornais da época (*Diario de La Habana*, *La Moda* – revista dirigida por del Monte – y *El Pasatiempo*), principalmente a partir de 1830. Além dos dois textos mencionados, Manzano publicou também outro livro de poemas, chamado *Flores pasajeras*, em 1830, além de diversos outros poemas em jornais da época, bem como a peça *Zafira*, em 1842. Acusado de ter participado da Conspiração de la Escalera,[3] em 1844, ficou um ano preso. Muitos teóricos ressaltam que ter sido preso pode ter sido um motivo para que Manzano deixasse de escrever, visto que *Zafira* é sua última publicação até sua morte, em 1854 (esta data também é imprecisa).

A *autobiografia*, que teoricamente era dividida em duas partes, relata os anos iniciais de Manzano até quando empreendeu uma fuga. Apenas a primeira parte foi publicada, visto que a segunda foi perdida deliberadamente por um dos literatos, Ramón de Palma, segundo carta trocada entre Domingo del Monte e Anselmo de Suárez y Romero (MANZANO, 2015, p. 192). Não se sabe ao certo porque o literato a "jogou fora", nos termos de Suárez y Romero na carta mencionada, mas especula-se que não era interessante que o texto de Manzano revelasse um lado mais rebelde, visto que poderia perder a piedade de seu público leitor, majoritariamente formado por pessoas brancas.

Quanto às expectativas em relação ao livro, isto é uma discussão que merece ser colocada. Como o livro foi encomendado em troca da compra da liberdade de Manzano, podemos nos questionar o quanto havia de expectativa por parte dos literatos. Como eles todos eram ricos e membros de famílias escravagistas (MORÁN, 2016, p. 48), provavelmente não queriam escutar Manzano criticando os seus donos brancos, pois poderiam se sentir ofendidos. O fato de Nicolás ser também membro da tertúlia agrava ainda mais esse problema. Tendo isso em mente, acredito que o escritor teve de calcular muito bem o que escrever, que momentos deveriam ser relatados e quais deveriam ser ocultados, com o objetivo de não desagradar os literatos, considerando que sua liberdade estava em jogo. Ao mesmo tempo, existia também uma expectativa de que ele descrevesse em detalhes os horrores da escravidão, principalmente tendo em conta que o texto era direcionado para ser

[3] A Conspiração de la Escalera (1844) foi, supostamente, um movimento revolucionário organizado por negros, livres e escravizados, além de brancos e estrangeiros ingleses, como Madden e Turnbull, outro britânico encarregado de fiscalizar a escravidão em Cuba. Não se sabe ao certo se foi algo real ou inventado pelas autoridades, mas houve prisões em massa de negros, torturas fortes e, inclusive, execuções (HELG, 2014). Nesse período, Manzano foi preso, acusado de ter sido participante, e Domingo del Monte fugiu do país, pois também foi implicado como organizador do movimento (MORÁN, 2016).

publicado na Inglaterra, onde queriam saber como era a escravidão em seu país. Nesse sentido, estabeleceu-se uma contradição: por um lado, o interesse dos abolicionistas era de denunciar os horrores da escravidão, isto é, Manzano deveria descrever as diferentes torturas que sofreu na mão de sua dona; por outro, não poderia falar livremente sobre ela e a família, já que poderia desagradar Nicolás ou qualquer um dos outros intelectuais. A postura desses intelectuais em relação a Manzano é um dos pontos que abordo com mais profundidade na versão completa do TCC.

Importante mencionar que os membros do grupo delmontino consideravam-se abolicionistas, majoritariamente a partir de seus textos ficcionais. Como mencionado, vários deles escreveram livros com teor antiescravidão. No entanto, não julgo apropriado considerá-los abolicionistas por dois motivos: 1) Del Monte, quando implicado como membro da Conspiração de la Escalera, escreveu uma carta para o jornal francês *O globo*, em que declarou abertamente seu racismo, afirmando que os negros eram "uma das raças mais atrasadas da família humana." (DEL MONTE, 1929 apud MORÁN, 2016, p. 47). Ademais, tendo em vista que ele era seguidor de José Antonio Saco, podemos considerar que ele, também, era favorável à abolição não por ser solidário aos negros, mas por medo de que a desproporção populacional entre negros e brancos pudesse criar em Cuba um ambiente favorável a uma revolução como a ocorrida no Haiti. [4] 2) Além dos textos ficcionais, não se tem registro de que os literatos tenham feito qualquer outro movimento pela abolição, seja liberando seus próprios escravizados, seja lutando politicamente pela liberação. Além disso, quando foram fazer a arrecadação de dinheiro para comprar a alforria de Manzano, que custou 850 pesos, sabe-se que cada um deles doou muito pouco. Alex Castro (2015, p. 175), em nota à edição brasileira do livro, destaca que um dos literatos, José Miguel Angulo y Heredia, em carta para del Monte, justifica o baixo valor que dará como contribuição, apenas quatro pesos, com o fato de que Nicolás, mais rico e ex-dono de Manzano, contribuiu com esse mesmo baixíssimo valor. Aponta também que del Monte doou 57 pesos. Considerando o valor total, deve ter sido difícil juntar o dinheiro todo, um valor de alforria altíssimo para o período.

Como mencionado, a primeira tradução do livro foi publicada em 1840, na Inglaterra. O tradutor, Richard Madden, era um importante abolicionista do período, que morou em Cuba, e, segundo Macchi (2007, p. 180), foi "Superintendente de Africanos Liberados e Comissionado ante o Tribunal Misto de Arbitragem em assuntos do tráfico, cargo criado pelo tratado de 1835 entre Espanha e Inglaterra". Assim que chegou à ilha, começou prontamente a participar do círculo delmontino, já que os literatos já conheciam sua obra. Conta-se que lá conheceu Juan Francisco Manzano, com quem manteve uma relação próxima no período que esteve em Cuba.

A postura de Madden, enquanto tradutor de Manzano, é outro ponto discutido de forma aprofundada no meu trabalho de conclusão. Aqui, apresentarei isso muito brevemente, apenas como contraponto ao projeto de tradução realizado por Castro, que será discutido na continuação. Madden, em sua tradução, cortou grandes trechos do livro, principalmente que traziam a subjetividade do escritor. Seu enfoque foi nas

[4] José Antonio Saco foi um importante político, sociólogo e ensaísta cubano. Embora se declarasse contrário à escravidão, segundo Otero (1990, p. 724), era favorável a uma abolição lenta e gradual, que não ocorresse com um rompimento imediato do sistema escravagista. Ademais, temia que um movimento revolucionário levasse a uma nova revolução haitiana (1791-1804), organizada por escravizados e negros livres.

descrições de torturas e maus-tratos, ignorando todo o sentimento que o autor tinha em relação a essas situações. Por exemplo, uma grande lacuna é quando Manzano relata o momento em que seu pai, enfurecido com um desenho que o filho havia feito de uma bruxa e um diabo, proíbe-o de desenhar e joga fora sua caixinha de cores (MANZANO, 2015, p. 104). Na tradução de Madden, esse período é simplesmente suprimido (MADDEN, 1840, p. 63-64).

Outro ponto importante é que Madden procurou desassociar o texto da figura de Manzano, visando transformar seu relato em um relato sobre a escravidão, como algo que representaria a coletividade dos escravizados. Desse modo, deixaria de ser a autobiografia pessoal de Manzano, para tornar-se um relato sobre a escravidão em si. Esse movimento é perceptível já na capa do volume publicado, visto que o nome de Manzano não aparece em nenhum momento. Muito se discute o quanto esse movimento de ocultação do nome dele foi para protegê-lo de alguma possível represália pelos fatos que descreveu, mas esta hipótese me parece muito discutível. Primeiramente, porque seria fácil, para os donos de Manzano, reconhecerem que era ele que havia escrito o livro. Primeiramente, porque Nicolás já o sabia. Em segunda análise, eram muito provavelmente poucos os escravizados do período que sabiam ler e escrever, o que já diminuiria o escopo de possibilidades. Por fim, há diversos indícios no livro que poderiam remeter a Manzano. Por exemplo, os nomes das pessoas, embora não fossem reproduzidos inteiramente, eram sempre abreviados: "Don Juan M____" (p. 55), "Senora Marquesa J." (p. 55), "Don Miguel de C. "(p. 56), "Don Manuel O'R." (p. 56). Curiosamente, o nome do pai de Manzano, Toribio de Castro, é reproduzido na sua totalidade em diversos momentos do texto, inclusive na primeira página do texto. Talvez por não carregar o nome de alguma das famílias distintas da elite cubana, ele tenha considerado desnecessário. Contudo, isso já derruba a hipótese de que o objetivo era proteger Manzano de alguma represália, pois o nome de seu pai aparecia ali. Inclusive, ao final da parte da *Autobiografia*, o texto é assinado por "Juan__". Aparentemente, o interesse real de Madden não era salvaguardar Manzano, mas sim o nome dos membros da elite.

Do mesmo modo como a *Autobiografia* traduzida por Castro foi inserida no polissistema literário brasileiro, a de Madden foi inserida no contexto anglófono. Sendo o polissistema inglês muito forte mundialmente, a recepção do texto em diversas literaturas nacionais também acabou sendo afetada. Como a versão completa do relato demorou cem anos para ser publicada em Cuba, por muito tempo, a única versão à que as pessoas tinham acesso era essa de Madden. Por mais que o papel de Madden enquanto divulgador do relato de Manzano tenha sido indiscutivelmente importante, sua postura também foi colonizadora e pouco valorizou Manzano enquanto sujeito: ele não era gente, era uma metáfora para a escravidão cubana (CASTRO, 2015, p. 163), sendo o seu livro o que Madden considerou como "o mais perfeito retrato da escravidão cubana." (CASTRO, 2015, p. 187).

4. A tradução minorizante de Alex Castro

Alex Castro desenvolveu seu projeto de tradução da *Autobiografia* para o português, lançada em 2015 pela Editora Hedra, utilizando uma postura diametralmente oposta à de Madden. A tradução de Castro contém três partes: 1) prefácio, escrito por Ricardo Salles e apresentação da obra, escrita por Castro; 2) texto traduzido, dividido entre tradução, transcriação e notas; e 3) apêndices,

contendo a iconografia, um posfácio sobre a transcriação do livro para o português, sugestões de leitura, bibliografia de apoio e o *Réquiem para Manzano,* escrito por Urbano Martínez.

Inicialmente, cabe fazer um pequeno parêntese e discutir o conceito de "transcriação". Apesar de não ser algo mencionado por Alex Castro, o conceito foi criado e desenvolvido por Haroldo de Campos (1992). Basicamente, a transcriação seria uma tradução fiel ao modo de construção do texto, não somente ao sentido da palavra, mas à imagem que a palavra cria. Quebra, portanto, dentro da tradução de poemas, com a dicotomia entre fidelidade ao conteúdo ou à forma mais superficial (métrica e rimas), observando outra dimensão do texto. Nesse sentido, Campos compreenderia a maneira como foi escrito, cada palavra e sua posição no texto, em um sentido espacial, como aspectos relevantes no momento de traduzir. Desse modo, em uma transcriação, alterações pontuais nas palavras escolhidas pelo autor do texto de partida não seriam vistas como problemas, uma vez que se procurasse manter a imagem à que a palavra remete. Essa teoria é, portanto, muito produtiva para pensar em traduções de poemas como os escritos pelo próprio Haroldo e seu irmão Augusto, dentro da escola concretista, bem como de poetas como Mallarmé e Pound, que eles estudavam e traduziam.

No caso específico da tradução de Alex Castro, considero possível o uso do termo transcriação pela importância dada pelo tradutor à forma como o texto foi escrito, considerando que os desvios gramaticais, por exemplo, constituem uma parte muito relevante do texto. O fato de Manzano escrever com uma sintaxe desviante da norma padrão ou trocar "c" por "s" com frequência faria parte do seu texto, como um indicativo de sua condição enquanto sujeito escravizado e com uma alfabetização precária. Mudar isso, procurando manter uma fidelidade apenas ao sentido de cada palavra, ignorando a importância da forma como o texto foi escrito, acabaria por descaracterizar o texto.

Voltando à discussão sobre a tradução em si, enquanto Madden alterou a voz do escritor e construiu para Manzano a imagem que lhe convinha, Castro procurou manter ao máximo a voz original do escritor, seja pela edição na qual se baseou, seja na própria tradução, fatores que discutirei a seguir. Desse modo, compreendo que o tradutor criou um projeto de tradução que, desde seu início, tentou ser respeitoso com a voz do autor.

Quanto ao texto utilizado na tradução, segundo relatado na entrevista e na própria edição brasileira da obra, o texto-base foi um manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional José Martí, em Havana, Cuba. Neste local, há dois manuscritos: um com uma "caligrafia refinada [...], perfeitamente passada a limpo, sem correções ou rasuras de qualquer tipo e segue as normas cultas do espanhol da época em termos de ortografia e pontuação." (CASTRO, 2015, p. 24); e um outro, com a caligrafia autógrafa de Manzano. O primeiro, aponta Castro, provavelmente foi escrito por Anselmo Suárez y Romero, que copiou e corrigiu a autobiografia em 1839. O segundo manuscrito foi o utilizado por Castro como base na tradução para o português. No entanto, o tradutor alerta que aparecem rasuras e acréscimos neste manuscrito, impossível de saber se feitas por Manzano ou por outra pessoa. Não tendo maiores informações sobre outras versões do texto posteriores a essa, Castro escolheu-a para basear seu trabalho por considerá-la a mais original possível. Esse manuscrito foi

também utilizado em uma nova edição para o espanhol, com organização e notas de Alex Castro, bem como trechos fac-símile.[5]

Posterior à identificação do manuscrito mais original possível, o tradutor empreendeu a tradução do texto. O projeto original foi a transcriação, realizada criando um narrador falante de português fictício, ou seja, conjecturando como teria escrito Manzano se fosse um escravizado brasileiro nesse mesmo período. Desse modo, traduziu o texto procurando dar "fidelidade à voz do escravizado, à sua sintaxe, à sua escolha de palavras, ao ritmo das frases e à peculiar pontuação, mantendo os desvios à norma culta em português na mesma proporção do espanhol escrito por ele em 1835." (SILVA, 2017, p. 254). Essa postura, segundo o próprio tradutor, parte do princípio de que produzir um texto em português adequando-o à norma padrão ou tentando "melhorar o estilo" (como fizeram os editores do texto) seria uma postura violenta, que silenciaria a autenticidade de Manzano e sua voz enquanto sujeito. Além disso, valendo-se da teoria de Spivak e de John Beverly, Alex Castro menciona na apresentação do livro o quanto trazer o texto de Manzano à norma culta do português

> significa, ao mesmo tempo, colocá-lo na posição de "outro" que não consegue falar por si próprio e, também, colocar a nós mesmas na cômoda posição de pessoas leitoras normativas e normalizadas para quem a fala do "outro" deve se adequar para poder ser consumida com mais conforto (CASTRO, 2015, p. 20)

No entanto, como já comentado, a edição brasileira contém, também, uma versão do texto que Castro chama de "tradução". Nela, foi realizado um trabalho que Castro (2015, p. 20) relatou como "uma experiência penosa": o texto foi limpo, quebrado em parágrafos, corrigido, pontuado e vocábulos fora de uso foram "substituídos por sinônimos hoje mais comuns" (p. 21), como a troca de "sucedeu" por "aconteceu". Não obstante, o texto em si não foi modernizado, conforme relatado pelo tradutor, contendo apenas palavras que já fossem utilizadas até 1835. Essa versão do texto surgiu, segundo relatado na edição do livro, após negociação com a editora Hedra. Por conseguinte, a publicação de uma edição com as duas versões foi um caminho intermediário entre um texto "sanitizado", de leitura mais fácil, mas que não respeita a voz do escravizado e um texto de difícil leitura, que circularia em poucos espaços (provavelmente apenas acadêmico), mas que respeita a voz do autor.

Além desses dois textos, Castro criou mais de 300 notas, contendo informações importantes sobre a escravidão em Cuba, comparando-a à brasileira, comentários sobre o texto em si, bem como aclarações históricas. Essas notas estão marcadas apenas na transcriação, considerando que a leitura da tradução tem de ser a mais fluida possível. Este é outro ponto que teve de ser negociado com a editora, já que, como é amplamente discutido entre tradutores e estudantes de tradução, não é fácil conseguir que a editora permita que notas sejam feitas e publicadas junto ao texto. Nesse caso, elas foram publicadas, mas apenas junto à transcriação, como comentado anteriormente. Silva (2017), em artigo que discute o quanto Alex Castro, enquanto tradutor, aparece muito no texto, destaca as notas como um dos pontos em que Castro mais se mostra, visto que as notas estão repletas de opiniões suas e chaves de leitura para que pensemos o texto.

[5] Antes dessa edição organizada pelo brasileiro, a última que havia sido lançada o fora em 1972. O livro foi publicado em Cuba sob o nome *Autobiografía*, pela editora Ediciones Matanzas, em 2016.

Tendo em vista os aspectos comentados acima, parece-me evidente o esforço de Alex Castro por fazer uma tradução muito respeitosa à voz de Manzano, procurando que a edição brasileira do livro fosse bem diferente da primeira edição publicada em inglês. É claro que, se os Estudos de Tradução inexistiam na época de Madden, os estudos pós-modernos, como as questões de lugar de fala e postura do intelectual perante os sujeitos subalternizados, nem passavam pela cabeça dos tradutores e intelectuais da época. No entanto, a postura de Madden não é tão localizada historicamente assim. Muitos tradutores, não comprometidos com questões políticas e sociais, poderiam ter traduzido o texto de Manzano de maneira anódina, sem maiores considerações sobre a importância de respeitar a sua voz ou sobre a diferença que faz publicar um texto corrigido e um texto com desvios gramaticais expressivos.

Para uma breve exemplificação, reproduzo um quadro comparativo entre o texto original da *Autobiografia* em espanhol, a transcriação e a tradução.

Quadro 1 – Comparação entre *Autobiografia* em espanhol, tradução e transcriação

Texto de partida	(...) la misma señora D.ª Joaquina q.e me trataba como a un niño ella me bestia peinaba y cuidaba de q.e no me rosase con los otros negritos[66] de la misma mesa como en tiempo de señora la Marqueza Justis se me daba mi plato q.e comia a los pies de mi señora la Marqueza de Pr. A.[67] toda esta epoca la pasaba yo lejos de mis padres. (p. 83) Nota 66: "señor" "doña" "niño" - expresiones exclusivas para personas blancas. Nota 67: No es una figura del lenguaje: es muy probable que comiera, literalmente, a los pies de la marquesa de Prado Ameno.
Transcriação	(…) a mesma sinhá Dna. Joaquina q.e me tratava como menino ela me vestia penteava e cuidava q.e eu naõ me rosace com os outros negrinhos[60] da mesma meza tal como no tempo da senhora Marquesa Justis me davaõ meu prato q.e comia ao pé de minha sinhá a Marquesa de P.r A.[61] toda esta época pasei longe de meus pais. (p. 97) Nota 60: "senhor" "dona" "menino" – expressões exclusivas para pessoas brancas. Nota 61: Não é uma figura de linguagem: o menino Juan devia mesmo comer literalmente aos pés da marquesa de Prado Ameno.
Tradução	(...) a mesma sinhá Dona Joaquina, que me tratava como um sinhozinho: ela me vestia, me penteava e cuidava para que eu não me roçasse com os outros negrinhos. Da mesma mesa, tal como no tempo da Senhora Marquesa Jústiz, me davam meu prato, que comia ao pé de minha sinhá, a Marquesa de Prado Ameno. Toda essa época passei longe de meus pais. (p. 37)

Fonte: Adaptado de Silva (2017, p. 262)

Na tradução, notamos a correção ortográfica e da pontuação do texto, enquanto a transcriação e a edição em espanhol, além de trazerem notas, não respeitam as convenções gramaticais. Importante frisar que a edição em espanhol consultada foi a organizada por Alex Castro e lançada em Cuba. No entanto, existem, também, edições com o texto "sanitizado" em espanhol, como a organizada por Schulman, em 1975, intitulada *Autobiografía de un esclavo*.

Tendo em vista o exposto acima, considero que o projeto de tradução da *Autobiografia* e o produto final estão relacionados ao conceito de tradução minorizante de Venuti (2002). Em linha com o que afirma o teórico, Alex Castro selecionou, primeiramente, um livro que é pouco estudado no mundo hispano-americano e que nunca havia sido traduzido ao português. Além de não fazer parte do

cânone cubano ou hispano-americano, de modo mais geral, não fazia parte do que o Brasil entende como canônico na literatura hispano-americana. Em uma análise superficial, pode-se inferir que o cânone brasileiro de literatura hispano-americana, considerando os textos que mais são traduzidos, passam pelos autores do *boom* (Garcia Márquez, Cortázar e Vargas Llosa, por exemplo), Pablo Neruda e Borges. Manzano, evidentemente, não tem uma estética similar à deles, além de ter tido o livro escrito muito antes. Assim, Alex Castro, na escolha do livro, desviou-se do cânone duplamente, em consonância com a visão de Venuti.

Ademais, propôs uma tradução com um método tradutório que se desvia dos canônicos ou dominantes. Isto é, ao ter como projeto inicial o uso da transcriação, como definida por Campos (1992), fugiu completamente da maneira mais óbvia de traduzir, a que seria mais aceita no mundo editorial e que seria imediatamente mais vendável. Ainda que tenha entrado em acordo com a editora, não abriu mão da transcriação, pela importância que via nela.

5. Considerações finais

A *autobiografia* é um texto que passou por diversas modificações ao longo de sua história. Desde os manuscritos originais de Manzano, passando pelas correções de Suárez y Romero, em 1839, pela tradução de Madden em 1840 e por diversas edições em espanhol, até chegar na sua tradução brasileira em 2015. Por muito tempo, a postura dos intelectuais em relação a Manzano sempre foi colonizadora, no sentido que sempre pareciam acreditar que a beleza de seu texto estava escondida sob os desvios gramaticais cometidos pelo autor devido à alfabetização precária.

Alex Castro, por sua vez, teve uma postura distinta: acreditou que os desvios eram parte importante do texto, que traziam em si parte da essência da escrita de Manzano, um homem que havia sido escravizado, que muito havia sofrido, tanto em sua vida diária quanto na elaboração de seu relato autobiográfico. Desse modo, quando conheceu o texto e resolveu traduzi-lo ao português, quis acessar a edição mais original que conseguiu encontrar, qual seja, um manuscrito que está na Biblioteca Nacional José Martí em Cuba. Ademais, decidiu que faria uma transcriação, na qual manteria, no português, os desvios que haviam sido feitos em espanhol, considerando-os, como já mencionado, parte do texto, não algo que deveria ser corrigido. Seu projeto de tradução foi, assim, algo que podemos considerar como consonante ao conceito de Venuti (2002) de tradução minorizante.

A edição, não obstante, teve de trazer duas traduções: a transcriação, seu projeto original, e uma tradução "sanitizada", com parágrafos, seguindo as convenções gramaticais e com vocábulos mais atualizados. Isso ocorreu por uma negociação com a editora Hedra, que viu na transcriação um texto que seria pouco acessível à maioria da população, pedindo que Castro fizesse uma versão de mais fácil leitura. Importante sublinhar que a *Autobiografia* foi escolhida, em 2018, para compor o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) Literário, e ser distribuída nas escolas. Contudo, a edição que será distribuída não é a da Hedra, mas uma nova, que traz apenas a apresentação do texto e a tradução, excluindo, assim, a transcriação, as notas do tradutor e o apêndice. Ainda que louvável a decisão de incluir a obra no currículo escolar, é lamentável que alunos não tenham acesso também à transcriação, visto que poderiam ter um contato um pouco mais próximo com a voz de Manzano, não apenas com a descrição dos fatos de sua vida.

Para futuros trabalhos sobre o assunto, seria interessante uma análise mais pormenorizada da transcriação de Castro, observando em que medida as notas, por exemplo, ajudam o leitor brasileiro a se aproximar do texto. Outra sugestão seria analisar os textos traduzidos em si, observando mais detalhadamente as escolhas tradutórias de Alex Castro em suas duas versões do texto de Manzano.

Referências

CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTRO, A. Apresentação. *In*: MANZANO, Juan Francisco. *A Autobiografia do poeta-escravo*. São Paulo: Hedra, 2015. p. 15-26.

CASTRO, A. Notas de fim. *In*: MANZANO, Juan Francisco. *A Autobiografia do poeta-escravo*. São Paulo: Hedra, 2015. p. 143-193.

EVEN-ZOHAR, I. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. *Translatio*, Porto Alegre, n. 3, p.3-10, jan. 2012. Tradução de Leandro de Ávila Braga. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/34674/22321>. Acesso em: 18 nov. 2018.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. *Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p.1-21, jan. 2013. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42899/27134>. Acesso em: 12 set. 2018.

HELG, A. Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história cubana. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 8, n. 1, p.29-51, jan. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/11447>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MACCHI, F. Juan Francisco Manzano y el discurso abolicionista: una lectura enmarcada. *Revista Iberoamericana*, v. 73, n. 218, p. 63-77, 26 jun. 2007. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5361>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MADDEN, R. *Poems by a slave in the island of Cuba, recently liberated*. London: Thomas Ward and Co., 1840. Disponível em: <https://archive.org/details/poemsbyslaveinis00manz>. Acesso em: 29 out. 2018.

MANZANO, J- F. *A Autobiografia do poeta-escravo*. São Paulo: Hedra, 2015. Tradução e organização de Alex Castro.

MANZANO, J-F. *Autobiografía*. Matanzas: Ediciones Matanzas, 2016. Edición facsimilar y anotada por Alex Castro.

MORÁN, F. Domingo del Monte, ¿"El más real y útil de los cubanos de su tiempo"? *Dirāsāt Hispānicas, Revista Tunecina de Estudios Hispánicos*, n. 3, p. 39-65, jan. 2016. Disponível em: <http://dirasathispanicas.org/index.php/dirasathispanicas/article/view/66>. Acesso em: 28 out. 2018.

OTERO, L. Delmonte y la cultura de la sacarocracia. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, n. 152-153, p. 723-731, dez. 1990. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4780/4940>. Acesso em: 28 out. 2018.

SAUMELL, R. E. Juan Francisco Manzano y Domingo del Monte: El cerco político de la plantación. *Afrocuban Anthology Journal*, Havana, v. 1, n. 1, p. 1-17, dez. 2004. Disponível em: <https://www.afrocuba.org/Antol3/Books3/Manzano%20y%20del%20Monte.pdf>. Acesso em: 28 out. 2018.

SILVA, L. R. Pode o tradutor falar?: Uma análise da tradução da Autobiografía de Juan Francisco Manzano no Brasil sob a ótica dos estudos culturais. *Translatio*, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p. 251-267, jan. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/71641>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Bauru: Edusc, 2002. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo.